

BAIXADA CONGESTIONADA

Uma semana depois como mais atado ainda

Os 100 quilômetros que separam a Capital da Baixada Santista se transformaram ontem em 100 anos-luz. O trânsito parou. E foi pior do que no último dia 5



LUIGI BONGIOVANNI

LEONARDO COSTAS E TATIANE CALIXTO
DA REDAÇÃO

Ontem, o trânsito em ponto morto nas rodovias do Sistema Anchieta Imigrantes (SAI) teve reflexos por todos os lados. Com 35 quilômetros de congestionamento nas estradas, médicos não chegaram para atender e teve cidade que cancelou o transporte escolar. Houve agência bancária sem previsão de abertura por falta de funcionários e inúmeros cidadãos ficaram horas dentro de ônibus ou carros à espera de, pelo menos, engatar a primeira marcha.

Mais uma vez, o trânsito na região esteve à beira de um colapso. O excesso de caminhões é apontado como o grande – e velho – problema, já que não há nenhuma novidade nisso.

No dia 13 de março, *A Tribuna* estampava na primeira página o título *Região espera seis meses de caos com safra de grãos*. Porém, a manchete não foi de ontem, mas do dia 13 de março de 2011. E, como uma volta no tempo, a falta de estrutura para atender a safra de grãos novamente deu um nó no dia a dia, principalmente de quem vive em Cubatão, Santos e Guarujá.

DE SAÍDA

Até parece ironia, mas para muitos que moram em Santos e trabalham em São Paulo, o trânsito pode servir como motivo de uma mudança para a Capital.

O jornalista Pablo Torres trabalha em São Paulo e é um dos que pensam em se mudar. Ontem, saiu 7h20 de sua casa, no Canal 3, e demorou duas horas para chegar ao Casqueiro, primeiro bairro de Cubatão.

Segundo ele, a situação estava tão caótica que decidiu fazer o retorno pelo gramado da Anchieta e voltar para casa.

“Sempre tem problema em algum ponto do SAI por conta do congestionamento dos caminhões. A saída é morar em São Paulo, não tem mais jeito, porque está prejudicando meu trabalho. Eu não queria, mas... É um jogo de empurra e quem sofre são os motoristas”, desabafa.

Luiz Roberto Colombo Barbosa, médico, professor de Oftalmologia do Centro Universitário Lusíada (Unilus) e membro emérito do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, saiu de Santos às 5h30 e chegou após as 6 horas em Cubatão. Seu destino era a Capital. Iria assistir a apresentação da tese de doutorado do filho. Não conseguiu. Só ingressou na Capital sete horas e meia depois de sair de casa.



Comente esta reportagem na internet e bata um papo com Rafael Motta, subeditor de Local. Acesse o site: www.tribuna.com.br/papocomeditores

“É uma situação caótica. Tem de existir uma posição firme das autoridades responsáveis. Estava em um dia feliz, mas ao mesmo tempo triste, porque não consegui prestigiar meu filho”, conta.

Como médico, Colombo Barbosa é firme ao dizer que se alguém passasse mal naquele momento, morreria. “Se ali acontece um acidente, não tem como a ambulância chegar. Além das pistas, os estacionamentos estavam tomados. Tive que sair do carro para acalmar idosos que estavam desesperados em meio ao congestionamento”.

Mais do que ponderar a possibilidade, a jornalista Carla Espino decidiu: irá se mudar para São Paulo.

“Já vendi o apartamento em Santos e vamos morar em São Paulo. Chegar em casa depois de três, quatro horas de trânsito não é qualidade de vida. Tenho filhos e não consigo vê-los. Em 2000, trabalhava em São Paulo e chegava no máximo 20h15 em casa. Neste mês, nunca cheguei nem perto disso”, lamenta.

SEM MÉDICO, BANCO E AULAS

Ontem, em Cubatão, a Secretaria de Educação suspendeu o transporte escolar e orientou os alunos do período da tarde a ficar em casa.

Em nota, a Seduc afirma que muitos professores ficaram presos no congestionamento e que a medida também pretendia evitar a exposição das crianças a horas paradas no trânsito, já que a locomoção no município estava prejudicada.

De fato. Mesmo dentro de bairros, como o Jardim Casqueiro, havia trânsito.

Ainda no Casqueiro, a agência bancária do Santander estampava à porta que não havia previsão de abertura, porque funcionários não chegaram. O culpado? O trânsito, claro.

Pela manhã, as consultas pediátricas no Pronto-Atendimento da Unimed da cidade foi prejudicada. Os médicos não conseguiram chegar.



Comentário

DE EDUARDO BRANDÃO

“Quatro quilômetros em 50 minutos”

III O pavor de sentar ao volante me obriga a utilizar circulares atrasadas e lotados para me locomover. O estresse de esperar pela condução só não é maior que os desafios diários nas saturadas vias regionais – que acredito estarem próximas de um colapso. Aborrecimento que evito com a companhia de um ótimo livro.

Ao sair da cama, na manhã de ontem, tinha a nítida sensação de ter um dia carregado. E foi. Sentimento que ficou real assim que os minutos passavam e nada do coletivo 938 (Vila Esperança/São Vicente) estacionar no costumeiro ponto que embarco.

Deslocar-se entre São Vicente e Cubatão não é tarefa fácil. São apenas duas linhas, com intervalos superiores a uma hora entre cada uma. Se perder o nem sempre pontual ônibus, é certeza de longa espera por outro. Por isso, quase todos os dias utilizo o circular, que me apanha por volta das 8 horas, com a companhia dos mesmos passageiros e motorista.

Por essas teias invisíveis de informação, que ninguém sabe como surgem, o cordial condutor do veículo desculpava-se pelo atraso e previa um trajeto moroso. O motivo é antigo conhecido dos moradores da região: excesso de caminhões na Via Anchieta. Cenário que acompanho com atenção nas últimas semanas.

Cerca de 50 minutos após embarcar – tempo que já estaria no local de trabalho – ainda estava-

mos na Avenida Nossa Senhora de Fátima, em Santos. Rodamos apenas quatro quilômetros, e restavam outros 16 pela frente. Nesse trecho, os primeiros dissidentes começavam a sair do coletivo. Atrasados, acreditavam ser mais prudente voltar para casa que enfrentar o que viria. Sábios.

Ao acessar a avenida marginal da Via Anchieta, o pior cenário possível: tudo travado. Filas de caminhões tomavam conta de todas as faixas de rolamento. Situação semelhante à vivida após a chuva de 22 de fevereiro, quando fiquei mais de seis horas preso no trânsito. Ontem, porém, não havia uma gota de água no asfalto.

Por volta das 10h30, ainda estávamos no Jardim São Manoel. Algum passageiro lembrou que havia uma padaria próxima. Fez-se uma pequena arrecadação para a compra de garrafas de água e bolachas. Um pequeno alívio compartilhado por todos.

Impressionava-me o mar de pessoas que desistiam de continuar a jornada. Eram filas de trabalhadores rumando ao Polo Industrial ou em direção à entrada de Santos, em busca de uma carona ou vaga no transporte público. Os poucos coletivos que passavam estavam lotados e não paravam nos pontos. Por volta do meio-dia, o coletivo para em frente ao Parque Anilinas. Enfim, o dia começaria. Mas com quatro horas de atraso.

EDUARDO BRANDÃO É JORNALISTA E REPÓRTER DE A TRIBUNA

Quem pensou na palavra caos, está bem próximo da descrição da realidade vivida na Via Anchieta (em cima, à direita). Os reflexos de tanto carro para pouca via foram sentidos até na Divisa entre Santos e São Vicente (acima)

A Rodovia Cônego Domenico (acima) fez jus ao papel de grande vilã do nó rodoviário da região



Em nota, Condesb se diz p

III Os tentáculos do problema que tem travado o trânsito no Sistema Anchieta-Imigrantes atingem quem sai de Santos e quer chegar a São Paulo. Quem mora em Cubatão e quer chegar em Santos. Atrapalha o trânsito na divisa entre Santos e São Vicente, na balsa que leva a Guarujá, de quem sai de Praia Grande e passa por Cubatão, via Imigrantes. Ou mesmo de quem mora em Peruibe e, por algum motivo, tem como destino o Centro de Santos. O problema é metropolitano.

O Conselho de Desenvolvimento da Região Metropolitana da Baixada Santista (Condesb) foi criado em 1996 para tratar, exatamente, de assuntos comuns às nove cidades da Baixada, ajudando a fomentar a ideia de metropolização.

Ontem, em nota, a prefeita de Peruibe, Ana Preto, presidente do órgão, afirmou que o conselho “está muito preocupado com a atual situação do trânsito na região, especialmente por-

que, com o advento do pré-sal, teremos um crescimento populacional muito grande e, consequentemente, o número de veículos vai aumentar”.

Ainda segundo a nota, para este primeiro semestre, o Condesb terá uma agenda intensa de reuniões, inclusive com a participação da sua câmara temática de transportes, que pretende definir novas estratégias, especialmente com a ajuda do Governo do Estado.

“Outra meta é apresentar até o mês de junho o Sistema Viário Metropolitano, que pretende minimizar os problemas encontrados na região e cobrar maior empenho da Secretaria de Transporte do Estado, com a concretização do acesso da Rodovia Padre Manuel da Nóbrega, que liga à BR 116, e a nova estrada que ligará o Rodoadel até Itanhaém”.

SECRETARIA DE TRANSPORTE
A Secretaria Estadual de Logística e Transportes foi procura-